

DOSSIÊ

# RÁDIO LOCAL SEM FRONTEIRAS:

## a experimentação de uma pequena emissora portuguesa na internet



THAÍS DE MENDONÇA JORGE

*Universidade de Brasília – Brasília, DF – Brasil*

ORCID: 0000-0002-7995-7838

PAULA CRISTINA BRITO BATISTA

*Universidade da Beira Interior – Covilhã – Portugal*

ORCID: 0000-0002-3608-5056

DOI: 10.25200/BJR.V17N2.2021.1324

Recebido em: 31/05/2020

Desk Review em: 22/06/2020

Editora do Desk Review: Laura Storch

Revisado em: 18/09/2020

Aceito em: 19/12/2020

**RESUMO** – O jornalismo hiperlocal, compreendido como o tipo de jornalismo praticado em pequenas comunidades, faz parte do ecossistema midiático, mas raramente tem sua importância reconhecida. Com a retirada das grandes empresas de mídia das localidades de menor tamanho, no início do século XXI, o jornalismo hiperlocal vem retomando seu espaço graças à internet, explorando o filão das notícias comunitárias com vistas a alcançar audiências transfronteiras. Este estudo tem como foco Portugal e investiga como estão sendo feitas notícias hiperlocais em uma rádio do interior do país – a Rádio Cova da Beira (RCB). Os resultados de análise de conteúdo no site, de entrevistas e observação participante na redação da emissora com sede em Fundão, distrito de Castelo Branco (Portugal), mostram que este modelo de jornalismo local valoriza a cultura, mas enfrenta sérios problemas estruturais e financeiros.

**Palavras-chave:** Rádio. Jornalismo hiperlocal. Jornalismo local. Portugal. Site.

## **LOCAL RADIO WITHOUT BORDERS: the experiment of a small portuguese broadcaster on the internet**

**ABSTRACT** – Hyperlocal journalism, understood as the type of journalism practiced and undertaken in small communities around the world, is part of the media ecosystem, but it is rarely recognized for its importance. With the withdrawal of media companies from smaller locations, in the beginning of the 21st century, hyperlocal journalism has resumed its space thanks to the internet, exploring the streak of community news with a view to reaching audiences in various parts of the world. This study focuses on Portugal and investigates how hyperlocal news is being made on a radio in the interior of the country: Rádio Cova da Beira (RCB). The results of content analysis on the website, interviews and participant observation in the newsroom of the broadcaster based in Fundão, Castelo Branco's district (Portugal), show that this model of local journalism values culture, but faces serious structural and financial problems.

**Keywords:** Radio. Hyperlocal journalism. Local journalism. Portugal. Website.

## **RADIO LOCAL SIN FRONTERAS: la experimentación de una pequeña estación de radio portuguesa en internet**

**RESUMEN** – El periodismo hiperlocal, entendido como el tipo de periodismo practicado en pequeñas comunidades, es parte del ecosistema de los medios, pero rara vez se lo reconoce por su importancia. Con la retirada de las grandes empresas medianas de las ciudades más pequeñas, a principios del siglo XXI, el periodismo hiperlocal se ha hecho cargo gracias a internet, explorando la racha de noticias de la comunidad con miras a llegar a audiencias transfronterizas. Este estudio se centra en Portugal e investiga cómo se producen noticias hiperlocales en una radio en el interior del país: Rádio Cova da Beira (RCB). Los resultados del análisis de contenido en el sitio web, las entrevistas y la observación participante en la sala de redacción de la emisora con sede en Fundão, distrito de Castelo Branco (Portugal), muestran que este modelo de periodismo local valora la cultura, pero enfrenta serios problemas estructurales y financieros.

**Palabras-clave:** Radio. Periodismo hiperlocal. Periodismo local. Portugal. Sitio web.

## **1 Introdução**

A internet significa um grande, talvez o maior desafio na história do rádio, não só como meio de transmissão, como de produção, consumo e fruição social de notícias via ondas hertzianas. Ao examinar a maneira pós-moderna de consumir rádio e a presença dos dispositivos móveis na contemporaneidade, Belau (2001, p.16) observa que o cenário é complexo, “merece dedicação, reflexão e observação” e entende que a situação envolve perigos maiores do que aqueles que a chegada da televisão propiciou. O coração do rádio está a ser atingido e mudado em essência.

Antigamente, o rádio era a plataforma de lançamento e divulgação de álbuns musicais. Desde a chegada do MP3, a oferta de conteúdos e sua disponibilização foram alteradas e agora há ofertas personalizadas na rede. As emissoras dedicadas à programação musical competem com aplicativos e sites de música por demanda. Já as rádios noticiosas tiveram que se adaptar às exigências do público, ampliando a participação ao vivo e correndo muito mais do que o normal para dar informações ao minuto e em primeira mão. Soma-se a tudo isto a apresentação multiplataforma, em que o rádio entra no panorama da convergência (Bianco, 2010) por força dos recursos oferecidos pela tecnologia digital (Belau, 2001).

Ferraretto e Kischinhevsky (2010) defendem que a integração do meio às plataformas digitais, em um cenário convergente, teria reconfigurado a lógica do rádio: “Em todas as etapas do processo de comunicação, inclusive a que se refere à produção de conteúdo, o rádio da era da internet não é mais o mesmo de antes do surgimento e da consolidação da rede mundial de computadores” (p.2). Os autores adaptaram o conceito de convergência digital à situação do rádio na contemporaneidade, antevendo suas várias vertentes: a) tecnológica; b) empresarial; c) profissional; e d) conteudística (Ferraretto & Kischinhevsky, 2010, p.176).

Além da possibilidade de transmissão em várias plataformas, a interação com o público por múltiplos meios faz parte deste rádio dos tempos de hoje, que encontrou novos caminhos para difundir conteúdo e conversar com o público. A entrada no ar de ouvintes ao vivo por telefone – modalidade explorada pelo meio desde a origem – é hoje substituída por mensagens eletrônicas em texto, imagem e som. Aliás, em regiões onde as taxas de alfabetização são altas, o meio continua a se manter ativo, agora com a possibilidade de enviar arquivos sonoros, vídeos e fotos via internet. O rádio também deixou de ser privilégio de quem possui concessões públicas. Em muitos lugares – setores desfavorecidos e de baixa renda no Brasil e em outros países – comunidades organizadas, como as de indígenas e moradores em favelas, desenvolvem canais próprios de criação, produção e distribuição de conteúdos radiofônicos, graças ao digital.

Qual o significado destas mudanças no jornalismo e como elas impactam o exercício cotidiano da profissão? Segundo estudiosos, o jornalismo local, como o jornalismo em geral, muda porque está inserido em uma transformação estrutural do ambiente de mídia, e esse movimento é impulsionado pelas novas tecnologias

digitais (Pereira & Adghirni, 2011). Os câmbios atingem a maneira como nos comunicamos, como compartilhamos conteúdo, como nos informamos e como nos divertimos. As alterações no entorno digital desafiam os modelos de negócio herdados e as rotinas jornalísticas da mídia estabelecida (Charron & Bonville, 2016).

O jornalismo hiperlocal, compreendido como o tipo de jornalismo praticado e empreendido em pequenas comunidades ao redor do mundo (Pavlik, 2011), faz parte do ecossistema midiático (Canavilhas, 2010), mas raramente tem sua importância reconhecida. No entanto, com a retirada das grandes empresas de mídia das localidades de menor tamanho no início do século XXI, esse tipo de jornalismo vem retomando seu espaço, explorando o desenvolvimento de operações de notícias comunitárias lideradas por cidadãos em várias partes do mundo.

O presente estudo tem como foco Portugal, embora suas descobertas falem de problemas comuns encontrados nos sistemas de mídia locais de outras democracias ocidentais. O trabalho investiga como estão sendo feitas notícias hiperlocais em uma rádio do interior de Portugal – a Rádio Cova da Beira (RCB) – e de que maneira, além das práticas de produção, modelos de jornalismo comunitário e participativo estão a dar vida à economia das operações hiperlocais. Entendemos que o exemplo da rádio portuguesa é representativo da variedade de experiências jornalísticas em diferentes regiões do planeta, que enfrentam questões como a passagem do sistema analógico para o digital, a introdução das redes sociais, a redução de equipes em cenário de crise econômica e a falta de capital disponível para novos investimentos em tecnologia e recursos humanos, dentre outros.

Quando foi oficialmente criada, em 1988, a RCB, com sede na cidade de Fundão e licença de emissão para Covilhã, Belmonte e Penamacor, escolheu como lema “Uma rádio entre a Beira e o mundo”, pois abrangia a região da Beira Interior, uma área de 12,740 quilômetros quadrados, com 383.995 habitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2018). Somente a área da Cova da Beira possui 42.546 habitantes. Fundão é um município de cerca de 30 mil habitantes no distrito de Castelo Branco, província da Beira Baixa, região do Centro de Portugal e sub-região das Beiras e Serra da Estrela, com clima quente no verão e muito frio no inverno.

Por um lado, a instalação da rádio foi resultado de um processo de mobilização social, por outro, correspondia a uma espécie de antevisão da representatividade de uma iniciativa restrita

que atinge, nos dias de hoje, âmbitos para fora das fronteiras, com a criação de um site na internet ([www.rcb-radiocovadabeira.pt](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt)), e alcance de 1.554.331 visualizações/ano, em lugares improváveis do mundo lusófono e globalizado, o que dá uma média de 4.258 page views/dia (Rádio Cova da Beira, 2019).

Como área de estudo, o jornalismo hiperlocal, ao observar holisticamente as notícias da comunidade, é capaz de mostrar uma imagem vívida dos cidadãos que criam e alimentam os próprios serviços de notícias, de forma a manter o poder de fiscalizar as contas públicas, corrigir distorções a respeito da população, desenvolver os contatos e a cultura local e contar histórias cotidianas. Vista como uma experimentação no terreno do digital, a atividade de uma rádio local na internet pode ser encarada como nova possibilidade em termos de produção de conteúdo multimídia e interativo, com inovadores formatos de narração e até de transmissão e engajamento de audiências.

## **2 A expansão do rádio**

Bolter e Grusin (2000) analisam que os meios influenciam uns aos outros e mudam sempre, embora este fato não se dê em uma trajetória histórica. Jorge (2013) entende que a notícia e o jornalismo atravessam um processo de mutação, em que “o estado de percepção, captação e processamento dos fatos provoca diferenças nas rotinas, nos produtos e subprodutos” (p.158) de comunicação. Após influenciar a TV, agora é o rádio que se encontra sob o guarda-chuva das mídias digitais, potencializando as características de interatividade e imediatismo e introduzindo novos padrões para a memória, os multimeios e a personalização (Palacios, 2004).

Lopez (2010) vê a convergência como agente essencial no desenho da gestão de uma emissora radiofônica em moldes atuais, bem como na delineação de suas características, da grade de programação e das rotinas produtivas das redações. A autora lembra os primórdios da internet, quando muitos órgãos de imprensa se limitavam a fazer transporte de conteúdos (*shovelware*) do meio original para a nova plataforma: “O rádio (...) foi inicialmente incorporado à web de maneira transpositiva. Neste momento, o redesenho foi duplo: tanto a web assumia, aos poucos, elementos sonoros, quanto o rádio passava a incorporar em suas definições estratégias multimídia e hipertextuais” (p.139).

Lopez (2010) analisa três níveis de convergência no rádio, em paralelo ao processo que se deu nas organizações de mídia por todo o mundo: 1) fase de informatização das redações; 2) fase de tecnologização, com impactos nas ferramentas de apuração, produção e transmissão, sem, no entanto, influenciar o produto final, que ganha mais agilidade; 3) fase de configuração do veículo, com redefinição de papéis, funções e novas estratégias de linguagem, em que a produção multimídia se faz sentir. Como a convergência não é estanque nem funciona dentro de padrões determinados, cada empresa adapta as tecnologias à sua realidade, de forma a garantir que as novas características não afastem o rádio da função básica, de estar próximo aos ouvintes.

Depois de observar a convergência nas rádios brasileiras CBN e BandNews FM (ambas emissoras no formato all news e de alcance nacional), Lopez (2010) cunhou o conceito de “Rádio Hipermediático”: “Ao explorar os potenciais da rede buscando manter sua identidade, o meio passa a reconstruir-se e definir-se como um novo rádio: o hipermediático” (p.124). Seria uma fusão de rádio e internet, em que ambos compartilham as características próprias de cada meio. No Rádio Hipermediático, o emprego da estética sonora como estímulo expressivo é muito importante, favorecendo a reedição de transmissões em antena, a reconstituição de fatos, as reportagens especiais, assim como as crônicas. Nesse novo tipo de rádio, um dos formatos mais populares recentemente tem sido o podcast, programa que pode ser disponibilizado em sites e aplicativos para ser consumido sob demanda.

Já Kischinhevsky (2012) prefere falar em “rádio expandido” (2012, pp.410–437), argumentando que, antes, o rádio era medido apenas pela audiência em institutos de pesquisa, mas hoje alcançou uma expansão para além das ondas hertzianas. Nos tempos modernos, o meio é avaliado também pelos “gostos” (curtidas ou likes) nas redes sociais, pelo número de engajamentos e compartilhamentos que consegue provocar, pelos conteúdos baixados e copiados, pelos podcasts que divulga, pelos infográficos, games e blogs que alimenta, formando uma rede de consumidores vorazes, que exigem atenção 24 horas por dia e usam o rádio como ferramenta social.

Neste leque de possibilidades convergentes, Lopez (2010) acha que o foco do rádio permanece o mesmo e é no áudio que ele se calca. O ouvinte ouve e, por isso, interage. Se as ferramentas de que dispõe para tanto lhe dão outras oportunidades de se

manifestar, o áudio continua a ser a raiz de tudo e é por intermédio dele que acontece o processo de cálida identificação que caracteriza esse relacionamento. Ser multiplataforma e hipermidiático são decorrências daquele contato primordial.

(...) não se trata da desconfiguração do jornalismo de rádio, transformando-o em webjornalismo, mas do uso das ferramentas multimídia e da produção multiplataforma (Martínez-Costa, 2001) como uma complementação ao conteúdo que vai ao ar na emissora. O áudio, em rádio hipermidiático, se mantém como a ferramenta central de transmissão de informações. Mas agora se permite lançar mão, sem temer perder espaço ou identidade, de novas ferramentas e estratégias, compondo uma narrativa própria. (Lopez, 2010, p.120).

Em cenários distintos daquela imagem da família reunida em volta do aparelho de rádio, as emissoras se acercam de um só objetivo: seduzir o novo perfil de ouvinte, que possui outras demandas, busca atualização, é jovem (pode ser até um nativo digital) e espera do rádio mudanças e adaptação (Martínez-Costa, 2001). A interatividade, que sempre existiu no rádio, ganha novas características na medida em que o público se torna mais ativo. Ele ouve rádio no smartphone, seja pela própria Frequência Modulada (FM), seja via internet, lê textos para comprovar dados, envia mensagens, fotografias e vídeos, conversa nas redes sociais.

O contexto da convergência cultural e midiática tem reflexos diretos na prática, na técnica, nas rotinas de produção, nos formatos do rádio e mesmo em sua deontologia. O jornalismo em rádio precisa estar atento às demandas de integração ao ambiente do ouvinte-internauta – e nisso é obrigatório participar com assiduidade de blogs, Twitter, Facebook e outras redes sociais –, além de investir em criação e em uma nova estética sonora, como maneira de oferecer novos conteúdos, surpreender e cativar esse consumidor pós-moderno.

Veículo móvel, o rádio não perde a característica principal de ser “itinerante”, como destaca Cebrián Herreros (2001), com sua grande capacidade de deslocamento, não apenas para as ruas e outros ambientes onde os acontecimentos se dão, mas também para o ciberespaço. Os estudiosos do meio (Lopez, 2010; Martínez-Costa, 2001; Cebrián Herreros, 2001) pensam que a concentração do consumo em dispositivos móveis pode ser interpretada como caminho para o rádio se rejuvenescer, sacudir a poeira dos séculos e atingir as jovens plateias.

A transformação do analógico para o digital, a partir dos anos 2000 principalmente (com mudanças nos anos 1990 ou até antes),

incidiu mais ainda no radiojornalismo. As emissoras de rádio fizeram a travessia para a rede mundial de computadores; incrementaram a produção de conteúdo em texto e imagem para complementar as informações; e surgiu o jornalista multimídia no rádio, capaz de estender o conteúdo sonoro para websites, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. São novas exigências e novas técnicas colocadas ao lado da abrangente função do rádio expandido, hipermediático, hiperlocal e global.

### 3 Hiperlocal e global

Segundo Pavlik (2014, pp. 94–118), as notícias hiperlocais são reportagens, “tipicamente on-line, sobre eventos e questões localizadas dentro de uma comunidade geográfica especialmente bem definida”. Nos Estados Unidos, onde o conceito de hiperlocalidade prosperou em termos financeiros e sociais, “os websites hiperlocais servem principalmente aos residentes locais, e muitas vezes são produzidos por repórteres locais ou residentes locais”.

Um site pioneiro é o Red Bank Green ([redbankgreen.com](http://redbankgreen.com)), fundado em 2006 no estado de Nova Jersey, que tem como slogan “*a town square for an unsquare town*”. O dístico forma um jogo de palavras só compreensível em inglês. Em português, a tradução livre seria: “uma praça para uma cidade não-quadrada” e bem retrata o localismo, já que se entende como “uma praça” onde as pessoas viriam conversar e interagir ou, como os fundadores dizem, “um lugar onde os moradores se encontram para trocar novidades e opiniões e fazer negócios”. Além do fundador John T. Ward e sua mulher, Trish Russoniello, encarregada da parte gráfica, o site tem jornalistas experientes, que usam o celular como ferramenta de apuração de notícias e conhecem bem a comunidade.

Geralmente, os assinantes dos sites hiperlocais desejam ver notícias sob medida, personalizadas e com histórias dos cidadãos, textos, fotos e vídeos. Funcionando como a extensão de uma pracinha de cidade do interior, a página na internet também alimenta fóruns de discussão para os leitores on-line e não deixa de atender aos pedidos de sua audiência, oferecendo jornalismo de qualidade (Red Bank Green, s/d). Porém, nos Estados Unidos, esse jornalismo hiperlocal também ultrapassou fronteiras e se tornou um negócio. A organização [patch.com](http://patch.com) é uma empresa jornalística que desenvolve

notícias on-line comunitárias em 1.226 cidades, de 50 estados norte-americanos (Patch Network, s.d.).

As emissoras de rádio fazem parte deste contexto de hiperlocalismo onde quer que estejam, pois uma de suas características é a inserção na comunidade. “Num mundo onde a comunicação é cada vez mais global, por via da emergência da internet, as rádios locais procuram adaptar-se a esse desafio de conciliação entre o local e o global”, observa García (2008, p. 10), destacando que o local deve ultrapassar a dimensão e o âmbito territorial dos conteúdos. Com efeito, no relatório do Ofcom (Office of Communications, 2011), o público dedicava especial sentimento às rádios locais:

Os ouvintes têm um carinho real pelos serviços em pequena escala. Esse carinho parecia peculiar às pequenas estações locais, já que eles não demonstravam ter a mesma aproximação e afeição ao falar das outras estações de rádio que ouviam. Porém, esse afeto não era apenas derivado da escuta, mas também de um sentimento de pertencimento criado pela emissora – os ouvintes sentiam que eram parte de algo. (Office of Communications, 2011, p. 16).

Bonixé lembra que o fenômeno europeu das rádios, que tentam a promoção do local a partir de cidades fora dos grandes eixos econômicos principais, apresenta um “palco para a promoção da proximidade ao gerarem condições para que a comunidade se reveja nelas” (Bonixé, 2017, pp. 47-86). O autor aponta três características da radiodifusão localizada:

1) Dimensão democrática – desde a sua gênese (ainda como rádios-pirata), as pequenas rádios permitiram que outros protagonistas da vida social pudessem aceder a este meio. “Rádios-pirata” é como essas emissoras se autodenominavam, por funcionar sem licença governamental. Sabemos, entretanto, que esta expressão se originou no Reino Unido, na década de 1960, quando rádios transmitiam de navios ancorados em águas internacionais, a fim de fugir às restrições à radiodifusão privada;

2) Dimensão alternativa – as rádios apareceram durante o período em que emitiram sem licença, fornecendo uma visão alternativa do mundo, como a rádio Alice, fundada em 1976 e vinculada ao movimento autonomista em Bolonha (Itália), e a Rádio Caroline (Reino Unido), criada em 1964 para fugir ao controle das gravadoras sobre a música popular no Reino Unido e o monopólio da BBC na transmissão de rádio;

3) Dimensão de proximidade – função de promoção da identidade local (pp.47–86).

Nesta última dimensão, a mídia local e a regional afirmam-se como meios especializados geograficamente e, no que é considerado uma vantagem competitiva, apostam em estratégias que reforcem essas características, gerando espaços e discursos para sua audiência específica.

Com profundas raízes populares, e havendo-se espelhado no movimento das rádios livres que se originou na Itália, Espanha e França, as rádios locais portuguesas surgem no fim da década de 1950 e têm seu apogeu nos anos 1970, como iniciativa que procurou sublinhar o local enquanto território de afirmação e de distinção face aos meios de cobertura nacional. Elas têm como fundamento ser um palco para a expressão das vivências das comunidades onde se inserem, promovendo um discurso alternativo face às propostas apresentadas pelos meios de comunicação de maior dimensão. Enquadram-se no conceito de jornalismo de proximidade, “comprometido com um determinado território e a sua comunidade”, conforme Jerónimo (2012, pp.81–86).

A tecnologia dá oportunidade a que as rádios se aproximem ainda mais das comunidades, incrementando valores de cidadania e democracia. Em Portugal, o setor, hoje, encontra-se dividido entre as rádios nacionais (o que inclui as de serviço público); regionais – em relação às regiões Norte e Sul do país; e locais. Bonixe (2012) catalogou 328 emissoras, classificando-as em: generalistas, temáticas informativas, musicais, universitárias. Inexistem rádios comunitárias. Muitas rádios integravam grandes grupos de comunicação, enquanto algumas eram apenas retransmissoras, sem conexão com as comunidades em que se instalavam.

Em 2012, uma alteração na lei portuguesa facilitou a mudança na tipologia das rádios e os principais grupos de rádio mudaram sua função de rádios locais generalistas para rádios eminentemente musicais. Isso ocasionou uma grande demissão de profissionais. O estudo “Jornalismo e Jornalistas das Rádios Locais Portuguesas” (Bonixe, 2015) apontou várias dificuldades das emissoras: redações com mão de obra reduzida (entre um e quatro jornalistas); salários baixos (abaixo de 650 euros/mês); pouco trabalho de reportagem, pela falta de recursos financeiros e de jornalistas. Além disso, a concorrência com estações de porte maior tornava difícil a captação de publicidade. As emissoras padeciam de problemas na organização – a maioria era

de microempresas. Como consequência da crise econômica, relata o autor que “muitas rádios locais fecharam portas e outras reformularam os seus projetos afastando-se do local” (Bonixe, 2012, pp. 17-30).

Elas estão presentes com maior ou menor dedicação nas plataformas digitais. Criaram sites, estão no Twitter e no Facebook e iniciaram a produção para dispositivos móveis como Ipad ou telemóveis”, constata Bonixe (2011, pp. 47-86). Relatório da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (2009) apontou em 2009 que 62% das rádios locais estavam na Internet. À época, apenas 13 das 124 rádios locais usavam podcast, poucas usavam blogs, e os ouvintes preferiam contato pessoal ou o telefone. O relatório antecipava:

A internet oferece outros recursos que as emissoras viriam a utilizar em maior ou menor escala: a memória (sob a forma de arquivos) e a interação, fazendo o ouvinte mais ativo, quando os sites abrem espaços para fóruns de discussão e comentários às notícias. “A internet tornou global a escuta da emissão da rádio o que, no caso particular das rádios locais, é muito importante”, destaca Bonixe (2017, pp.47-86). A Entidade Reguladora para a Comunicação Social reconhecia que essa modalidade produzia pensando “numa audiência mais vasta que inclui, sobretudo, os naturais dos respectivos concelhos que habitam em locais distantes ou mesmo no estrangeiro, fornecendo-lhes programas e informação que lhes permita manter a proximidade com as suas raízes”. (2009, p.149).

De fato, em regiões onde há grande mobilidade transfronteiras – de Portugal para Espanha e França, por exemplo – a programação informativa passou a destinar espaço às comunidades de origem dos emigrantes e assim prestar mais um serviço público. Trata-se do Rádio Hipermidiático e do rádio expandido de que nos falavam Kischinhevsky (2012) e Lopez (2010), o que é confirmado por Bonixe (2017, pp.47-86): “Chegar aos muitos emigrantes portugueses residentes fora de Portugal é uma das principais vantagens que as rádios locais portuguesas possuem com a sua presença online.”

#### **4 O panorama radiofônico na Europa e a Rádio Cova da Beira**

O aparecimento das rádios em Portugal ocorreu em paralelo à escalada europeia. Segundo Santos (2013), na Bélgica as rádios locais começaram a surgir ligadas a grupos ativistas, como os ecologistas, e desde cedo o governo optou pela sua regulamentação. Já na Grécia,

foi um decreto presidencial que tornou possível o aparecimento de rádios locais, permitindo a criação de cerca de oito centenas de rádios locais, que ainda hoje se mantêm, na sua maioria.

Na Dinamarca existem cerca de 250 estações locais de rádio e na Suécia, uma centena. Na Finlândia o panorama é um pouco diferente: este país nórdico tem 20 emissoras regionais de rádio ligadas à estação estatal, que competem com 70 rádios regionais privadas. Na Suíça há 50 rádios locais, que emitem nas três línguas do país (alemão, francês e italiano). Apesar do reduzido número, a sua força e penetração no mercado obrigou a rádio nacional a regionalizar-se e a espalhar seus estúdios pelos principais centros do país (Santos, 2013).

O caso francês é emblemático. Também aqui o Estado teve que ir atrás dos cidadãos para regular o setor onde, a partir dos anos 1970, começaram a brotar rádios locais. A rádio estatal (Radio France) foi forçada a criar canais regionais para competir com as rádios locais, que são já cerca de um milhão. O fato de, na França, existirem várias comunidades de emigrantes, levou ainda ao aparecimento de emissoras em língua estrangeira, o que acontece com a Rádio Alfa, que emite exclusivamente em português para a comunidade de emigrantes portugueses a residir em Paris (Pierre & Tudesq, 1981).

De acordo com a Autoridade Nacional das Comunicações (Anacom), em Portugal estariam licenciados 347 operadores de radiodifusão local FM, situando-se 311 no continente, 14 na Madeira e 22 nos Açores. A região do país com maior número de estações de rádio locais é o Algarve (7%), seguida da Grande Lisboa (6%) e do Grande Porto (6%). As demais emissoras se espalham pelo país (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2009). As rádios locais acompanharam a evolução tecnológica e fizeram sua transição para a internet graças ao projeto ROLI, iniciado em 2005 e com financiamento da União Europeia e apoio da Associação Portuguesa de Radiodifusão. Com isso, 174 rádios locais (50%) passaram a disponibilizar emissão on-line (pp.65-69).

A RCB surgiu em 1986, quando em Portugal emergia o fenômeno das rádios livres, associadas a projetos privados, associativos, cooperativos ou religiosos. A Rádio Cova da Beira nasceu a partir de um desses projetos e ainda hoje, passados 34 anos, mantém o estatuto de cooperativa. Do ponto de vista legal, o aparecimento de centenas de emissoras, na segunda metade da década de 1980, obrigou o governo português a intervir para

regulamentar o setor, e em 1988 foi aprovada, na Assembleia da República, a Lei da Rádio. A RCB emite em duas frequências: 92.5 e 100.5, a fim de atingir rincões afastados de sua área original, que se situa no centro do território português.

## 5 Metodologia

Este estudo foi feito sob os métodos de observação participante e análise de conteúdo. A observação participante foi realizada com uma apresentadora (Entrevistado 1, 2020) e um repórter (Entrevistado 2, 2020) – acompanhando o trabalho deles durante um dia (10 de março de 2020), entre 10h e 17h. Também foi ouvido o Coordenador de Informação da rádio, Paulo Manuel Rocha Pinheiro. Em razão de conduta ética na pesquisa, foram omitidos os nomes dos entrevistados. Manteve-se, entretanto, o do coordenador, porque ele fala institucionalmente. Na RCB a equipe da redação é composta por cinco pessoas, sendo quatro jornalistas e um estagiário. Os jornalistas trabalham oito horas por dia, têm flexibilidade de horário, mas costumam estender a jornada em dias, noites e fins de semana.

Para complementar, foi realizada análise de conteúdo durante sete dias, entre 9 e 15 de março de 2020, examinando-se a produção de conteúdo do site da Rádio Cova da Beira ([www.rcb-radiocovadabeira.pt](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt)) com o intuito de avaliar as reportagens publicadas em relação ao nível de visualização e verificar seu alcance. Com esses dois métodos buscou-se investigar como a publicação do site na internet alterou a rotina dos jornalistas da rádio e como uma rádio local se insere na comunidade.

As entrevistas e a observação foram feitas nos estúdios localizados na cidade de Fundão (Portugal). Optamos por um questionário semiestruturado, com um roteiro que começava pelo levantamento de dados a respeito da carreira profissional dos jornalistas, continuava com a descrição das rotinas antes e depois da publicação do site e envolvia ainda avaliação pessoal do entrevistado acerca do papel da rádio na comunidade.

O dia de observação (10 de março de 2020) coincide com a amostra recolhida de materiais publicados no site da rádio. Se o reconhecimento, pela Organização Mundial de Saúde (OMS), da pandemia da Covid-19 foi a 11 de março, essa comunicação influiría não só no noticiário como nas atitudes dos jornalistas mais tarde, passando eles a obedecer a protocolos de higiene e restringindo a

cobertura. No entanto, na data mesma da observação participante, a redação mantinha sua estrutura, com mesas enfileiradas em uma sala fechada, sem ventilação. Somente com as primeiras medidas decretadas pelo governo português, dia 17 de março, empresas, instituições e pessoas começaram a tomar providências para conter o coronavírus (Oliveira, 2020). A pandemia não interferiu na observação participante, porém as notícias sobre ela apareceram no material publicado, tanto em áudio como na web, como veremos.

Resumindo: este trabalho objetiva examinar como estão sendo feitas notícias hiperlocais em uma rádio do interior de Portugal – a Rádio Cova da Beira (RCB) – e como, para além das práticas de produção, que ainda mais são afetadas com a internet –, o jornalismo local e participativo dá vida à economia e à sociabilidade em uma pequena localidade, o distrito de Fundão e a região da Beira Interior.

## 6 Resultados

Começaremos o relato da parte empírica da pesquisa pelas entrevistas e observação participante e, em seguida, apresentaremos os resultados da análise no site da RCB. No prédio que foi negociado pela Rádio Cova da Beira – em troca de terreno na periferia da cidade – e foi reformado para abrigar a emissora, o ambiente transparece grande camaradagem entre os funcionários. Apesar deste fato e da convivência por longos anos, é uma unanimidade a queixa quanto à remuneração. Os quatro jornalistas têm mais de uma década de casa. A explicação sobre os baixos salários está na própria existência da RCB, que é mantida por uma cooperativa de 600 associados. A verba de publicidade não é suficiente para equiparar os profissionais ao mercado e as autoridades municipais, por lei, não podem ajudar. Entrevistado 1 é uma jornalista conhecida. Ela define:

Sempre fomos uma rádio local. Somos uma instituição de utilidade pública, (...) uma rádio de proximidade, falamos da doceira que faz os melhores doces do Fundão, do último afiador de facas. Somos os que ouvem as pessoas, estamos próximos da população. No meu programa não há um dia em que não tenha uma visita. Recebo telefonemas desde as sete da manhã. A pessoa precisa daquela palavra. Somos catalisadores de problemas (Entrevista concedida, 2020, março 10).

“Fazemos o longe [ficar] perto”, complementa o Coordenador de Informação, revelando que 80% dos ouvintes da RCB são

portugueses, embora os 20% restantes estejam repartidos por França, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil e Índia, “onde há fundanenses que não deixam o cordão umbilical”, razão pela qual a emissora oferece uma programação abrangente.

Pinheiro calcula que 40% do conteúdo sejam informação – “Para mim é informação dizer que vai faltar água na freguesia tal” –, mas a cada manhã a rádio abre com música portuguesa, dá espaço para as escolas, associações da sociedade civil, personalidades locais, cobre feiras, festas, marchas de toda a região, e tem na cobertura esportiva um tópico importante. “Um microfone e uma antena”, resume o Entrevistado 2 (2020), hoje com 19 anos de RCB, onde começou “quando ainda cursava o Liceu”. “A rádio é para todos os que querem recorrer a ela”, diz ele, lembrando a orientação do primeiro presidente da instituição, que ressaltava o vínculo com a comunidade.

A esse respeito, Comassetto (2007) reitera:

A vizinhança, o bairro, a cidade ou a região urbana ou rural ainda constituem pontos de referência relativamente estáveis. As pessoas, para as mais diferentes necessidades, ainda dependem umas das outras; constroem vínculos e relações; compartilham valores, emoções, alegrias e dificuldades; reclamam, reivindicam e se organizam para resolver os problemas da vida diária, e dificilmente dispensam da memória a sensação de enraizamento num lugar. (Comassetto, 2007, pp.123–131).

Entrevistado 1 recebe uma poeta local em seu programa. Loquaz, orgulha-se de ser reconhecida nas ruas e de ser “jornalista, psicóloga, médica” da população e até “um meio para sacudir a solidão”. Ela tem ouvintes fiéis, que todos os dias, “religiosamente”, sintonizam o programa e acompanham as entrevistas que promove e os aconselhamentos que dá.

Somos região de emigrantes, não só os da década de 1960, a primeira fornada daqueles que foram embora. Muitos ainda, quando não encontram empregos por aqui, vão para a França. Hoje, as redes sociais não bastam. É muito bom saber que estou a ser ouvida em outros países, no Dubai (...). Dizem-me: ‘Já chorei, já ri muito com seu programa!’ ou ‘Ah, como me lembrou a minha avó’. (Entrevista concedida, 2020, março 10).

Esses excertos das entrevistas demonstram que a Rádio Cova da Beira tem claros dois de seus objetivos: 1) fornecer informação para a comunidade local e ser um elo de ligação entre as pessoas; e 2) reter os vínculos com os portugueses que se afastam do país (Rádio Cova da Beira, 2019). Abordaremos, mais tarde, como a emissora se adaptou aos tempos de internet.

Na semana em análise (9 a 15 de março de 2020), a RCB estampou 83 notícias, a uma média de 11 notícias por dia. No dia 11 de março a Organização Mundial de Saúde (OMS) admitiu a pandemia. A notícia, de interesse mundial, teve repercussões locais: “Covid-19: CMF ativa plano de contingência” (Pinheiro P. , 2020), por exemplo, alcançou o mais alto índice de nossa amostra, com 7.917 visualizações. As informações sobre acessos foram fornecidas pelo administrador da página, a pedido da RCB.

Interessante é observar que os títulos a partir do dia 11 de março repetem os verbos adiar e suspender/cancelar, atestando a provisoriidade dos tempos: “AMCB adia iniciativas” (Miguel, 2020); “PS adia eleições” (Miguel, 2020); “Liga suspende provas” (Malaca, 2020); “Hospital suspende visitas” (Pinheiro P. , 2020) e “Mercado semanal do Fundão cancelado” (Pinheiro P. , 2020). Do total de notícias publicadas, elegemos para nossa análise as manchetes, que ocupam a parte superior da home page e que, de acordo com o sistema de hierarquização jornalístico, são as mais importantes da edição. Do total de 28 manchetes, uma dezena é dedicada à covid-19, sobretudo a partir do meio da semana. Com a notícia mundial, o assunto repercutiu localmente, e a comunidade local foi respondendo e reagindo.

Outros assuntos mereceram a atenção da população. Destacamos algumas das mais representativas para nosso estudo. “Quando o problema mora ao lado” (Brito, 2020) é uma reportagem feita com base em entrevistas aos moradores próximos de uma central de compostagem. O local foi visitado por uma deputada da Assembleia da República, órgão legislativo do estado português. A repórter ouviu queixas dos moradores e a deputada se comprometeu a pedir esclarecimentos ao governo. Foi uma das notícias mais vistas na semana, com 3.714 visualizações. No dia seguinte, o tema figurou em outros órgãos de imprensa.

A manchete “Embaixador confirma consulado em Belmonte” (Brito, 2020) é sobre a cobertura da visita do embaixador do Brasil a Belmonte, cidade da região. Ele anunciou que a vila berço do navegador Pedro Álvares Cabral iria abrigar um consulado honorário brasileiro ainda naquele ano. Belmonte recebe muitos turistas brasileiros, já que Cabral é tido como o descobridor do Brasil e na cidade há até um museu, na casa onde o navegador nasceu. A notícia local interessa à comunidade e também à área de Cova da Beira, ao país e ao contingente de brasileiros que vive na região, e foi vista por 1.616 pessoas.

Por vezes, a rádio não tem noção do próprio alcance. No dia 10 de março, o presidente da Câmara Municipal da Covilhã deu a notícia que seria importante para essa cidade, pertencente ao mesmo distrito de Castelo Branco e vizinha a Fundão: “Há esperança para a torre de Santo Antônio” (Brito, 2020). Tratava de um edifício que, pelas dimensões e estado de abandono, sobressaía na paisagem da Serra da Estrela. A notícia teve 3.235 visualizações.

## **7 Discussão dos resultados**

Durante a semana em análise, o site da RCB registrou 8.100 visualizações, por 1.410 utilizadores, um aumento de 27% em relação à semana anterior. Em média, o leitor detém-se no site dois minutos e três segundos e a maioria (51,3%) utiliza o computador para acessar, seguido de 44,3% que utilizam um smartphone; o tablet é empregado por 4,4%.

Se analisarmos as notícias da semana de 9 a 15 de março por editoriais (chamadas localmente de secções), observamos que as classificadas sob a rubrica “Sociedade” aparecem em primeiro lugar em quantidade (45), seguidas de Política (17), Cultura (13) e Desporto (8), o que demonstra que o localismo predomina como fator de interesse no site da Rádio Cova da Beira. Quanto à fonte das notícias, a maioria (59%) chegou através de comunicado de imprensa (press-release), principalmente as que trataram da pandemia do coronavírus. Essas fontes indiretas de notícia podem ser a própria Câmara Municipal (que em Portugal corresponde à prefeitura), as empresas, a indústria local e organizações do terceiro setor, em especial a igreja católica, cujos organismos são tradicionalmente fortes na região e no país.

Em segundo lugar vêm as fontes próprias (25%), descobertas em trabalho de reportagem, quando o jornalista se desloca da redação, seja para fazer a cobertura de uma assembleia, seja para uma conferência de imprensa.

Em terceiro lugar, surgem as notícias de agenda, isto é, o que vai acontecer. Como, por exemplo, “Conselho de ministros reúne na Sertã” (Miguel, 2020) ou “Idanha apresenta agenda dos mistérios da Páscoa” (Miguel, 2020). Esta última matéria é uma demonstração de como a circulação dos repórteres pela cidade e as fontes de informação católicas na região se aliam para oferecer uma pauta que desperta ao mesmo tempo o exotismo dos rituais da Semana

Santa (com cânticos fúnebres e cerimônias misteriosas na aldeia de Idanha) e a importância da preservação da religiosidade, da cultura e identidade de um povo.

Uma notícia de caráter local pode ser de extrema relevância para a população, como a que é destacada na manchete do dia 9 de março: “Missa ao domingo só na RCB” (Brito, 2020). Com o cancelamento dos cultos devido à pandemia, a rádio passou a ser o único veículo de transmissão da missa em direto, da igreja, a portas fechadas. Assim a emissora se afirma também no quesito proximidade com a população.

A maioria das visitas ao site tem origem em Portugal (86%). Dentro do país, a visualização vai muito além da Cova da Beira, área geográfica de abrangência da rádio FM. Em primeiro lugar surge a localidade de Fundão, onde a rádio está sediada, seguido da vizinha Covilhã mas, a partir daí, as visualizações rompem barreiras, aparecendo então Castelo Branco, sede do distrito; Gaia, no norte do país; como também outras cidades mais próximas ou distantes, como Guarda, Porto, Lisboa, Varzim, Coimbra, Guimarães e Amadora, por ordem decrescente.

A RCB também ultrapassa os limites do próprio país: os restantes 14% de utilizadores que, durante essa semana, acessaram o site da RCB fora de Portugal, distribuem-se por dois continentes – Europa e América, sendo que os EUA surgem em primeiro lugar (4,1%), seguidos de França (4%), Noruega (2,7%), Suíça (1,9%), Reino Unido (0,9%) e Brasil (0,4%). Mediando a via dupla da comunicação entre as instâncias de poder na região da Cova da Beira e no exterior, a rádio não tem um papel apenas de observadora da realidade, mas também o de agente de mudança. Desta forma, engloba as “dimensões temporais, psico-afetivas, socioprofissionais e socioculturais” (Camponez, 2012, pp.35–47) que compõem a “polissemia de sentidos” em torno do conceito de proximidade no jornalismo e expande a perspectiva geográfica para além do mero valor-notícia que justifica sua própria existência, bem como a preferência dada às notícias locais pelo público.

Se a renovação técnica e a profissionalização foram um caminho percorrido por grande parte das rádios locais portuguesas, ainda falta a aposta em redações sólidas, em que o número de jornalistas seja suficiente para permitir um trabalho para lá da agenda e dos press releases, possibilitando a atualização permanente do site e uma maior cobertura da região. Os repórteres observam que nem sempre podem sair à rua para fazer reportagens, presos à rotina de

um grande número de assuntos a transformar em notícia. Entretanto, o outro lado da tecnologia é a exclusão de parte da população que ainda não tem acesso à internet o que, no caso específico, significa o contingente de idosos e analfabetos (Instituto Nacional de Estatística, 2018). Esses continuam a ser ouvintes preferenciais da mídia áudio.

Enquanto que, no início, não se publicavam notícias no site que não tivessem ido já “para o ar” na rádio, agora, com a disseminação do on-line, que chega a qualquer hora, minuto ou segundo, ao contrário dos jornais da rádio com hora marcada, já se publicam notícias no site imediatamente, antes de irem ao ar. Em terceiro lugar, surgem as notícias de agenda, isto é, o que vai acontecer. Como, por exemplo, “Conselho de ministros reúne na Sertã” (Miguel, 2020) ou “Idanha apresenta agenda Mistérios da Páscoa” (Miguel, 2020). Uma notícia de caráter local pode ser de extrema relevância para a população, como a que é destacada na manchete “Missa ao domingo só na RCB”.

## **8 Conclusões**

A dimensão das mudanças impostas pelas tecnologias da informação e das comunicações afeta a estrutura conceitual do rádio, embora suas características permaneçam as mesmas. Ortriwano (1985, p.23) apontou oito atributos no que tange ao chamado rádio analógico: linguagem oral, penetração, mobilidade, baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia.

Esses atributos ainda estão presentes no rádio on-line, mas Cebrián Herreros (2001) chama a atenção para um processo de acomodação das emissoras, com mera transposição de conteúdos do meio analógico para o digital, como acontecia nos primeiros tempos da internet, no meio radiofônico como no impresso. Assim, o desafio é dar impulso à criatividade e oferecer serviços distintos do rádio analógico, o que é propiciado pelas novas tecnologias.

Meditsh alerta que a natureza, a identidade do rádio e sua relevância no futuro não estão diretamente ligadas aos suportes utilizados (2010, pp.203–238). Ao contrário, a existência e a manutenção das emissoras radiofônicas dependem mais “do uso social e da preservação da cultura local” que elas são capazes de empreender.

Ao refletirmos sobre o rádio como um meio de comunicação que integra o ecossistema midiático, precisamos estar atentos às

novas lógicas de produção, difusão e recepção de conteúdos sonoros, assim como à concorrência de mídias independentes, podcasts autônomos, blogs, emissoras on-line nas redes sociais, pois tudo isto constitui um processo de construção complexo. “A existência de rádios independentes deve-se sobretudo a que novos sectores da população adquiriram a possibilidade de dar a conhecer as suas opiniões e pontos de vista”, destaca Umberto Eco (1981, pp.213–230), e o panorama geral do rádio não pode ficar alheio a isto.

A Rádio Cova da Beira atende aos atributos apontados por Ortriwano (1985): a emissora se destaca pelo bom emprego da linguagem oral; tem penetração local e extra-local, atendendo aos quesitos de imediatismo e instantaneidade; é mantida a baixo custo, goza de autonomia na comunidade a que serve e pela qual demonstra sensorialidade, tanto no nível dos problemas como no dos valores da cultura regional.

Nesse sentido, cumpre uma função como instituição que se esforça por promover a cidadania, o que Amaral (2012) apontou como “cidadania ativa”, relacionada à defesa de causas. A RCB deixa de ser apenas transmissora para constituir-se “um sistema industrial de serviços” (Amaral, 2012) que alimenta “o mercado de informações, de acordo com o interesse das audiências”. Numa perspectiva política, a rádio tem potencial para desenvolver “uma consciência alimentada por fluxos de informação, de natureza horizontal, participada e refletiva, que resgate os assuntos de interesse público da opacidade e da superficialidade” (pp.1–16).

Se a rádio do Fundão não tem mais mobilidade para se deslocar e fazer mais reportagens que interessem à população, isso se deve à estrutura jurídica a que está submetida, pois, sem recursos para contratar um número maior de jornalistas ou aumentar os estipêndios da equipe atual, não é possível fazer jornalismo investigativo, modalidade que demanda tempo e equipes especializadas e dedicadas.

Em relação às formas narrativas adotadas, frisamos que uma nova estrutura narrativa multimidiática, que explore com razoável proveito outras plataformas, como as redes sociais, exige do profissional uma mudança nas rotinas, um investimento em novas competências e uma extensão de suas habilidades (Lopez, 2010). Esse rádio hipermediático ainda está longe da realidade da Rádio Cova da Beira, em que pesem os esforços da equipe para se adequar à era digital. Contudo, a RCB atende bem ao papel de

preservação da cultura local e expande-se para outras audiências além de seu território geográfico. Bonixe (2015) igualmente constatou que “também os emigrantes gostam de estar a par sobre o que se passa na sua terra e mandam mails e mensagens a dizer que nos ouvem”.

Das 83 notícias de nossa amostra do site da RCB, a maioria, quase 57% (56,6%) são notícias hiperlocais, isto é, feitas num e para um lugar específico, como um bairro, uma aldeia que, a partir do momento em que são publicadas nos meios digitais, suscitam o interesse local, regional, nacional e até internacional. Vimos isto na reportagem “Quando o problema mora ao lado” (Brito, 2020), onde um tema local tem ampla repercussão. Este é apenas um exemplo de como uma pequena rádio, no caso a RCB, funciona como espécie de agência de notícias locais, a pautar os grandes veículos.

Qual o significado destas transformações no jornalismo e como elas impactam o exercício cotidiano da profissão? O jornalismo local, em contexto geral, está imerso em um panorama de mutações do sistema midiático, como resultado das tecnologias digitais. A partir do exemplo da Rádio Cova da Beira, que extravasou as fronteiras, adequando-se à era da internet e das novas formas de comunicação, podemos afirmar que o jornalismo local é simultaneamente global e alternativo à massificação da comunicação quando mantém sua gênese local.

Foi o que aconteceu com a RCB, dando cumprimento ao auspicioso slogan com que iniciou as emissões em 1986: “Uma rádio entre a Beira e o mundo”. Pois, como lembra Comassetto (2007), “o rádio local, apesar das deficiências observadas, ainda representa um diferencial em meio ao contexto multimidiático que se evidencia, em relação às novas e atrativas mídias, à multiplicação de canais, às cadeias que aceleram a concentração do setor” (2007, pp.123– 131).

Os jornalistas da equipe da RCB ressentem-se – mais ainda em tempos restritos, como o de pandemia – da influência excessiva das fontes de notícia locais sobre a escolha e produção das pautas, prejudicando o necessário distanciamento e isenção que fazem parte da missão do repórter; da falta de tempo para praticar jornalismo em profundidade; e da sobreposição de tarefas às quais não estavam acostumados, em detrimento do áudio em si.

Por fim, seguindo o conselho de Seaton (2001, como citado em Amaral, 2012), poderia a RCB, como poderoso instrumento do jornalismo de proximidade, procurar: 1) integrar as narrativas

on e off-line com uma ação comunicativa de modo a promover a participação; 2) legitimar o papel do jornalismo na comunidade como impulsionador de afinidades e identidade; 3) adotar estratégias de marketing condizentes com a realidade local; 4) agir em escala, pensando em beneficiar-se de uma possível fusão, por exemplo, com o Jornal do Fundão, tradicional na região da Cova da Beira, no sentido de ambos buscarem a sobrevivência financeira, maior reconhecimento pela comunidade e melhor qualidade jornalística.

## REFERÊNCIAS

Amaral, V. (2012). A proximidade de uma imprensa regional à ideia de cidadania ativa. In J. C. Correia (Org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades*, (pp.01–16). Covilhã: LabCom. Recuperado de <http://labcom.ubi.pt/livro/91>

Belau, Á. F. (2001). La radio en el entorno cambiante del siglo XXI. In M. Martinez-Costa (Ed.), *Reinventar La Radio*, (pp. 73-88). Pamplona, Navarra, Espanha: Eunate.

Bianco, Nélia R. Del. O Futuro do rádio no cenário da convergência frente às incertezas quanto aos modelos de transmissão digital. *Revista Eletrônica Internacional de Economía Política da Informação, da Comunicação e da Cultura (EPITC)*, 12(1), 1–19. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/78>

Bolter, J. D., & Grusin, R. (2000). *Remediation: understanding new media*. Cambridge, USA: MIT Press.

Bonixe, L. (2017). As rádios locais portuguesas na transição para a Internet. In P. Jerónimo (Org), *Media e Jornalismo de Proximidade na Era Digital* (pp.47–86). Covilhã, Portugal: LabCom. Recuperado de [http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora\\_ebook.pdf](http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora_ebook.pdf)

Bonixe, L. (2015, 27 de maio). Jornalismo e Jornalistas das Rádios Locais Portuguesas. C3i Coordenação Interdisciplinar Investigação Inovação. Instituto Politécnico de Portalegre. Recuperado de [http://www.c3i.ipportalegre.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=340&Itemid=719](http://www.c3i.ipportalegre.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=340&Itemid=719)

Bonixe, L. (2012). Internet e participação - o renascimento da rádio local como espaço de debate público. In Correia, J.C. *Ágora Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades* (pp.17-30). Covilhã: LabCom. Recuperado de [http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora\\_ebook.pdf](http://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora_ebook.pdf)

Brito, P. (2020, 10 de março). Quando o problema mora ao lado. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59329](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59329)

Brito, P. (2020, 9 de março). Embaixador confirma consulado em Belmonte. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59310](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59310)

Brito, P. (2020, 10 de março). Há esperança para a torre de Santo Antônio. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59322](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59322)

Brito, P. (2020, 9 de março). Missa de domingo só na RCB. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59422](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59422)

Camponez, C. (2012). Jornalismo regional: proximidade e distâncias. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In J.C. Correia (Org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades* (pp.35–47). Covilhã: Labcom. Recuperado de <http://labcom.ubi.pt/livro/91>

Canavilhas, J. M. (2010). *O novo ecossistema mediático*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã, Portugal. Recuperado de [www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-media-tico.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-media-tico.pdf)

Cebrián Herreros, M. (2001). *La radio en la convergencia multimedia*. Barcelona, Espanha: Gedisa.

Charron, J., & Bonville, J. (2016). *Natureza e transformação do jornalismo*. Florianópolis, Brasil: Insular.

Comassetto, L. R. (2007). O rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. *Revista de Estudos da Comunicação*, 8(16), 123–131. DOI: 10.7213/rec.v8i16.14501

Eco, U. (1981). Una nueva era en la libertad de expresión. In L. Bassets (Org.), *De las ondas rojas a las radios libres* (pp.213–230). Barcelona, Spain: Gustavo Gili.

Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (2009). *Caracterização do sector da radiodifusão local*. Lisboa: ERC.

Ferraretto, L., & Kischinhevsky, M. (2010). Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. *Anais do 19º Encontro da Compós*. Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação. DOI: 10.15448/1980-3729.2010.3.8185

García, X. L. (2008). *Ciberperiodismo en la proximidad*. Sevilla, Spain: Comunicación Social.

Instituto Nacional de Estatística. (2018). *Anuários Estatísticos Regionais*. Recuperado de <https://www.ine.pt>

Jerónimo, P. (2012). Origens e evolução do cibernormalismo de proximidade em Portugal: O caso da imprensa regional. In: J. C. Correia (Org.), *Ágora – Jornalismo de Proximidade: Limites, Desafios e Oportunidades* (pp.81–86). Covilhã, Portugal: LabCom. Recuperado de [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora\\_ebook.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20121224-agora_ebook.pdf)

Jorge, T. M. (2013). *Mutação no jornalismo. Como a notícia chega à Internet*. Brasília, Brasil: Editora Universidade de Brasília.

Kischinhevsky, M. (2012). Rádio Social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. *Revista Famecos*, 19(2), 410–430. DOI: 10.15448/1980-3729.2012.2.12323

Lopez, D. C. (2010). *Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica*. Covilhã, Portugal: LabCom. Recuperado de [http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora\\_lopez\\_radiojornalismo.pdf](http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110415-debora_lopez_radiojornalismo.pdf)

Malaca, M. (2020, 12 de março). FPF/LIGA/AFCB: suspensão de provas. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59381](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59381)

Martínez-Costa, M. (2001). Un nuevo paradigma para la radio. Sobre convergencia y divergencias digitales. In M. Martínez-Costa (Org.), *Reinventar la radio* (pp. 57 – 72). Pamplona, Espanha: Eunate.

Meditsch, E. (2010). A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In A. F. Magnoni & J. M. Carvalho (Orgs.), *O novo rádio: cenários de radiojornalismo na era digital* (pp.203–238). São Paulo, Brasil: Senac.

Miguel, N. (2020, 12 de março). PS adia eleições. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59383](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59383)

Miguel, N. (2020, 11 de março). Conselho de ministros reúne na Sertã. *Rádio Cova da Beira*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59354](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59354)

Miguel, N. (2020, 12 de março). AMCB adia iniciativas. *Rádio Cova da Beira*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59384](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59384)

Miguel, N. (2020, 11 de março). Idanha apresenta agenda dos mistérios da Páscoa. *Rádio Cova da Beira*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59341](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59341)

Office of Communications. (2011). *The future of small scale radio – A Research Report of Ofcom*. Ofcom. Recuperado de [https://www.ofcom.org.uk/\\_\\_data/assets/pdf\\_file/0024/27267/smallradio.pdf](https://www.ofcom.org.uk/__data/assets/pdf_file/0024/27267/smallradio.pdf)

Oliveira, M. M. (2020, 19 de março). *O que pode (e o que não pode) fazer durante o estado de emergência*. Público. Recuperado de [www.publico.pt/2020/03/19/politica/noticia/nao-durante-estado-emergencia-1908580](http://www.publico.pt/2020/03/19/politica/noticia/nao-durante-estado-emergencia-1908580)

Ortriwano, G. S. (1985). *A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo, Brasil: Summus.

Palacios, M. (2004). Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. *Revista PJ: BR Jornalismo Brasileiro*, edição 04. Recuperado de [www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm)

Patch Network. (s.d.). Patch is a network of hyperlocal news sites spread across the United States. *Patch*. Recuperado de <https://patch.com/map>

Pavlik, J. (2011). A tecnologia digital e o jornalismo. *Brazilian Journalism Research*, 7(2), 94–118. DOI: 10.25200/BJR.v7n2.2011.340

Pereira, F. H., & Adghirni, Z. L. (2011). O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. *InTexto*, 1(24), 38–57. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208>

Pierre, A., & Tudesq, A.-J. (1981). *Histoire de la radio-télévision*. Paris, France: PUF.

Pinheiro, P. (2020, 11 de março). Covid-19: CMF ativa plano de contingência. *Rádio Cova da Beira Online*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59337](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59337)

Pinheiro, P. (2020, 14 de março). Coronavírus: CHUCB suspende visitas. *Rádio Cova da Beira*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59425](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59425)

Pinheiro, P. (2020, 14 de março). Mercado semanal do Fundão cancelado. *Rádio Cova da Beira*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59424](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/pag/59424)

Rádio Cova da Beira. (2019). *Assembleia Geral Ordinária – Relatório anual*. Recuperado de [www.rcb-radiocovadabeira.pt/ficheiros//Relat%C3%B3rioContasde2018.pdf](http://www.rcb-radiocovadabeira.pt/ficheiros//Relat%C3%B3rioContasde2018.pdf)

Red Bank Green. (n.d.). Retrieved from [www.redbankgreen.com/about-redbankgreen](http://www.redbankgreen.com/about-redbankgreen)

Santos, S. C. (2013). *Os media de serviço público*. Covilhã, Portugal: LabCom.

Seaton, J. (2001) *Imprensa, Rádio e Televisão – Poder sem responsabilidade*, Instituto Piaget, Lisboa.

**THAÏS DE MENDONÇA JORGE.** Jornalista e professora do curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (Brasil). É mestra em Ciência Política e doutora em Comunicação pela mesma universidade. Cumpriu estágios pós-doutorais na Universidade da Beira Interior (Portugal-2020) e Universidad de Navarra (Espanha-2010). E-mail: thais.mendonca@fac.unb.br

**PAULA CRISTINA BRITO BATISTA.** Mestranda em Comunicação e Artes na Universidade da Beira Interior. Jornalista formada, é repórter na Rádio Cova da Beira (Portugal). E-mail: paulabrito.rcb@gmail

Um dos pareceres utilizados na avaliação deste artigo pode ser acessado em: <https://osf.io/s6dg5/> | Seguindo a política de ciência aberta da BJR, o avaliador autorizou a publicação do parecer e a divulgação do seu nome.